

dias, mas já dotada de paredes, telhados, portas e janelas. Em alguns casos, essas construções intermediárias já se pareciam bastante com as construções que chegaram até os nossos dias.

Sobre a distinção entre as duas fases, podemos estabelecer algumas diferenças:

– Os abrigos correspondem ao momento de pioneirismo, quando os lotes começavam a ser desbravados, as colheitas ainda não estavam disponíveis e todo o esforço se concentrava no desmatamento e na fixação no lote. Eram rudimentares, formados basicamente por um telhado improvisado,

### *Queridos avós!*

*Espero que a carta os encontre bem de saúde. Fico contente em saber que agora estão bem de saúde. Aqui vivemos no meio da natureza, a ti meu avô certamente gostaria de passar aqui. A Casa onde moramos é coberta de palmito e palha, é o seu lar. Sem janelas e sem assoalho. A uns 30 metros dela está a mata virgem e a mais trinta passa o rio. É uma delícia passear no meio da mata virgem entre as mais belas flores, em volta dela o beija-flor está voando. O chão está coberto de barações no qual muitas vezes ocorre o perigo de cair. Lá de cima das árvores estes barações enviam seus fios até o chão entre os quais os cipós, alguns deles chegam à grossura de um braço até um cordão fino. Deste cipó fizemos cordas que são mais fortes que as de sisal. Com estes cipós amarramos as paredes das casas. Que passarinhos de cores e formas imagináveis! Tangerinas, pêssegos, mamão e outras frutas para nos deleitarmos no verão que chega à 30 e 32°. Naturalmente dos que gostam dos folguedos faltam. Mas também temos aqui. Eu danço ao som de um violino e um harmônio, onde na Alemanha se ouve orquestras e coros, cada terra com seus costumes. Nossos trajes são muito simples: os homens usam camisa azul com calça segurada com cinto no qual penduram um fação de dois palmos. Nós mulheres vamos com saias e blusas em geral descalças ou de tamancos, naturalmente ficamos alegres. Nos dias de festas botamos nossas vestes da Alemanha e vamos para a igreja. No nosso pasto temos duas vacas e dois terneiros, é uma grande fortuna aqui, e meu cavalo Alazão que me leva aos domingos à igreja que fica uma hora distante ou lá para cima no Salto, e quando eu não posso ir de canoa até lá naturalmente os caminhos que andamos à cavalo é apenas uma picada. Porém meu cavalo que é muito seguro me leva sem perigo. Os bugres não precisa temer aqui, com um tiro de espingarda os assusta logo. O que porém nos falta aqui é a mão-de-obra, de pessoa que trabalhe. Um homem recebe por mês de dez a 20 mil réis. Uma empregada doméstica de oito a quatorze mil réis e além disso é difícil receber alguém. Nós trouxemos uma de lá, porém depois de dois meses ela se casou e agora estou sozinha. Minha mãe não pode trabalhar tanto,*

*os serviços no início, principalmente a roupa, me custava muito mas, agora já estou acostumada e eu sou jovem e tenho força. Há cerca de duas semanas a garganta da mamãe ficou inflamada e saiu muita matéria e o médico disse que passará com o tempo, precisa descansar. Da climatização os sinais são: pés inchados e coceira na pele que irrita muito, eu sinto o mesmo que meus pais. Mas, agora já temos carpinteiros fazendo uma casa bonita para nós. Como estou contente por aquela ter janelas de vidros, porta e assoalho. A comida: é em geral feijão preto, farinha e carne seca. Nós já procuramos modificá-la de outra forma. Fabricamos açúcar e cachaça. A maioria dos colonos fazem o mesmo, farinha e cachaça. O nosso pão é de milho, é muito gostoso. Ah! Se vocês pudessem ficar aqui conosco e ver e provar o mesmo! Não se pode descrever tudo como é. Eu já podia ter casado várias vezes, mas ainda não tenho vontade. Os moços aqui é como pão fresco, logo tem saída. A vocês a morte do bom tio Bastos me doeu muito, pobre da Alice, pena que eu não a conheço, mas apesar de ser desconhecida gosto muito dos meus tios, primos e vocês em primeiro lugar. Muitas vezes penso, sonhando por exemplo a vinda do tio e família para cá, como isso seria bonito! Lembranças em primeiro lugar à tia Lotte, eu sempre imagino como ela será e também o tio Louis e tio Carl e todos eles. Se eu passasse por Dresden eu iria pajear os filhos da tia Berta e os filhos da tia Ninna, as crianças gostam de mim e trabalhar eu posso. Lembranças ao tio Hermann e sua jovem esposa lá em Lauenburg onde eu gostaria de estar porque lá há florestas. A vocês meus bons avós desejo que fiquem com saúde e que Deus vos guarde durante uma longa vida. Adens.*

*Deus guarde vocês, escrevam-me em breve.*

*Queiram bem a vossa neta que muito vos ama.*

*Rö schen Sametzki*

*Lembrança de vossa neta Georg.*

Carta de Rose Gartner, nata Sametzki para seus avós que residem em Dresden/Sachsen – Alemanha

Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Coleção Família Gartner 3.G.13; doc-03.

sem paredes nem divisões internas. As técnicas construtivas lembravam as cabanas indígenas: paus cravados no solo sustentavam precariamente uma cobertura de palhas, inclinada o suficiente para o escoamento das águas pluviais e a proteção contra os ventos.

A casa provisória já apresentava um volume composto por paredes e cobertura. Possuía pelo menos dois compartimentos internos, divididos por parede de madeira ou pau-a-pique, podendo ser um deles assoalhado. Era comum que a cozinha estivesse separada da casa, ou situada em espaço lateral, dotado de telhado próprio. Essa construção já apresentava portas e janelas. O telhado quase sempre era de palha e a sua estrutura formada por madeira bruta ou – depois dos primeiros anos – falquejada. Para as paredes internas – e mesmo as externas – parece ter sido predominantemente utilizada a taipa-de-mão. Essa construção sólida foi freqüentemente aproveitada quando da construção da casa definitiva, transformada em anexos como cozinha, ranchos e paióis, e ainda pode ser visualizada em muitas das propriedades atuais.

Passada a fase pioneira, de consolidação dos empreendimentos coloniais e de superação das condições provisórias dos imigrantes, era chegado o momento de construir a *casa definitiva*, agora com materiais sólidos e com técnicas capazes de assegurar longa durabilidade. A opção foi, ainda neste caso, baseada principalmente em modelos derivados dos países de origem dos imigrantes – agora bastante adaptados às condições e aos materiais disponíveis no Brasil. As casas enxaimel são derivadas de modelos alemães. As de tijolos autoportantes são comuns para alemães, italianos e poloneses. A pedra aparente – usual na Itália desde tempos ancestrais – é encontrada nas áreas povoadas por imigrantes italianos do sul, onde os arenitos são freqüentemente encontrados. A madeira, disponível em grandes quantidades e a baixo custo, foi adotada por todas as etnias. A fase áurea dessa arquitetura, consolidada construtivamente e referenciada culturalmente, durou mais de meio século e estendeu-se pelo menos de 1880 até aproximadamente 1940.

Entretanto, embora a arquitetura produzida pelos imigrantes evidencie, nas técnicas construtivas e nas soluções plásticas, forte ligação com os países de procedência dos imigrantes, a adaptação às condições encontradas em Santa Catarina se impõe no dimensionamento e na organização dos espaços.

Com efeito, um fator relevante na análise dessa arquitetura é o grau de padronização e de soluções comuns apresentado. Essa similaridade, perceptível nas várias colônias, sugere que a interação e as trocas de experiências construtivas foram bem maiores do que as fontes documentais hoje nos permitem conhecer. No Vale do Itajaí, na Dona Francisca – inclusive em São Bento – e, de certo modo, até na Colônia Lucena, passaram a imperar modelos quase padronizados, aplicados em praticamente todas as colônias, evidenciando um grau apreciável de contato e troca de experiências entre os diversos empreendimentos coloniais. Essas inovações agiram no sentido de fazer com que volumes, plantas e sistemas construtivos corresponderem melhor às necessidades concretas de seus usuários e aos materiais disponíveis, e resultaram, por fim, na criação de modelos novos, sempre relacionados com as tradições construtivas de cada grupo de imigrantes e com as soluções adotadas em Santa Catarina.

## A planta básica



Vista frontal da casa João Carlos Seefeldt [JVE009], em Joinville.

Na arquitetura teuto-brasileira, passada a fase de pioneirismo e alcançado o tempo da construção do que se convencionou chamar da Casa Definitiva, inúmeros edifícios se sucederam, construídos ao longo de várias décadas nas diversas colônias, guardando, entre si, grande uniformidade de soluções. No caso dos imigrantes alemães e das principais colônias aonde os contingentes predominantes vinham da Alemanha, pode-se falar em uma Planta Padrão, que permaneceu inalterada, independentemente da técnica construtiva utilizada. A origem desse módulo deve ter sido a otimização das peças que compõem as estruturas de telhados, pois os mesmos padrões, volumes e medidas prevaleceram tanto para a casa de enxaimel quanto para a de alvenaria autoportante – e depois também para a casa de madeira. A arquitetura residencial implementada mais tarde por imigrantes provenientes da Itália – radicados no Vale do Itajaí e nas proximidades da colônia Dona Francisca – e, em especial, pelos provenientes da Polônia, alteraram pouco os padrões previamente estabelecido pelos imigrantes alemães.

Sendo assim, vale destacar e aprofundar os conhecimentos relacionados com a arquitetura de moradia teuto-brasileira.

Como primeiro passo, impõe-se responder à pergunta básica: qual é a origem, ou a procedência desse módulo e das soluções semipadronizadas que se espalharam por território tão extenso no Brasil? Quando e de onde surgiram esses modelos que conjugam, de forma tão admirável, planta, técnica construtiva e partido plástico? Eis uma indagação que ainda não é possível elucidar completamente.

Diversas opiniões e pareceres foram emitidos a respeito. Mais de um especialista alemão considera possível a influência erudita na construção das casas que os colonos germânicos edificaram no Brasil. Baseiam-se em certa proximidade de volume e de programa com projeto desenvolvido, pela Universidade de Berlim, para a fixação de colonos alemães nas fronteiras orientais da Europa. A relação dessas casas com as construídas aqui pelos imigrantes, entretanto, parece-nos remota e não é possível acreditar que os



Planta baixa da casa João Carlos Seefeldt [JVE009], em Joinville.

desenhos apresentados possam explicar os principais diferenciais da arquitetura edificada pelos imigrantes no sul do Brasil.

Para avançar no estudo do problema, existem hipóteses a serem consideradas:

- as soluções técnicas do volume e plantas básicas aqui adotadas originaram-se diretamente da Europa;
- as soluções aqui adotadas, em especial quanto ao volume e a planta básica das construções, foram criadas no Brasil e derivam de modelos europeus muito transformados pelas novas necessidades que os imigrantes precisaram enfrentar.

Favoráveis à primeira hipótese, manifestou-se o arquiteto Udo Baumann. Mais propenso à solução brasileira, no que refere aos volumes e às plantas, escreveu Günter Weimer, precursor do estudo sobre a arquitetura dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul.

Analisando com cuidado a casa dos imigrantes alemães em Santa Catarina, onde o esmero construtivo foi freqüentemente superior ao encontrado no estado gaúcho, encontramos algumas constantes importantes de serem ressaltadas e que talvez sinalizem o caminho da solução do enigma. Todas apontam para a direção da solução elaborada no Brasil, baseada em

técnicas e materiais conhecidos dos imigrantes e disponíveis nas colônias estabelecidas em Santa Catarina.

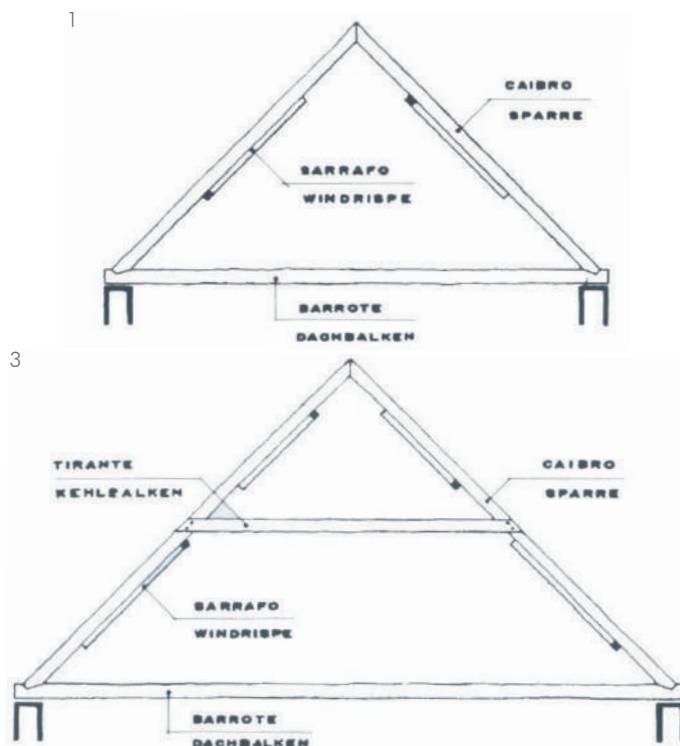
A profundidade das casas dos imigrantes alemães é produto, como já se disse, da técnica construtiva utilizada na armação dos telhados. O volume das construções deriva principalmente desta espécie de módulo – limitado pela cobertura. A solução tradicional da arquitetura teuto-brasileira na armação da estrutura das coberturas baseia-se nos telhados de caibros. O sistema, simples e engenhoso, consiste em confeccionar seqüências paralelas de tesouras primárias, formadas por apenas dois caibros (pernas), unidos em ângulo aproximadamente reto no topo e apoiados em um único barroto (base). Esse conjunto se responsabiliza por toda a carga absorvida pelos telhados. Trata-se de solução originária da Europa, extremamente adaptável às necessidades das regiões de origem dos imigrantes alemães, amplamente conhecida por quem detinha o conhecimento sobre os rudimentos da construção na Alemanha e plenamente passíveis de execução no Brasil.

Para funcionarem estruturalmente, os caibros precisam estar bastante inclinados (boa parte da carga é transmitida verticalmente na base e horizontalmente no topo das peças do telhado), proporcionando o uso dos sótãos, perfeitamente sintonizados com a obtenção dos espaços compactos – ideais nos climas frios.

Essa solução de telhados, em sua forma mais simples, encontra uma limitação: os caibros não podem ser demasiadamente extensos, pois os esforços de flexão passariam a ser demasiados. Para telhados maiores, é indispensável pensar em apoios e emendas, o que tornaria as estruturas das coberturas complexas e pesadas.

Decorre então que a maioria das construções adapta-se a profundidades relativamente pequenas, apresentando plantas quase que invariavelmente retangulares, correspondendo a menor dimensão ao espaço coberto pelas duas pernas dos telhados de caibros – ou às empenas da edificação.

Os telhados de caibros (Sparrendach) são as estruturas de cobertura mais comumente encontradas em todas as regiões de imigrantes germânicos e eslavos em Santa Catarina. Segundo Günter Weimer, os telhados de caibros eram encontrados em toda a baixa e média Alemanha. O barroto e os caibros formam uma série de triângulos rígidos (tesouras rudimentares), dispostos a aproximadamente 80cm um do outro e contraventados longitudinalmente por sarrafos. As estruturas simples (1) são as mais comuns, especialmente nas casas, permitindo a utilização do sótão, como na Casa Ulrich [GBR006] (2). Este tipo de estrutura é aplicável em vãos de até 5 metros. Acima disso, torna-se necessário atirantar a estrutura, inserindo uma peça horizontal também conhecida como “linha alta”. (3) No Salão Hammermeister [TIO013], além da linha alta, foi inserido também uma peça vertical (esteito) para a sustentação dos caibros (4).



Pode-se, então, admitir a existência de um módulo estrutural, que se manifesta quase sempre na lateral (empena) das casas. Esse módulo é inquestionavelmente proveniente da Europa e constitui-se em baliza para toda a arquitetura que aqui denominamos de teuto-brasileira.

A predominância dessa espécie de módulo ou constante na arquitetura dos imigrantes alemães em Santa Catarina demonstra um apego pelas soluções simples em detrimento de alternativas mais custosas e complexas. Sua ocorrência é facilmente comprovada pelo exame da maioria esmagadora das construções teuto-brasileiras, independentemente da técnica construtiva (enxaimel ou alvenaria autoportante) e do período (de meados do século XIX até a metade do século XX).

Mesmo quando a construção é maior, quase sempre é o comprimento longitudinal quem confere dimensões avantajadas ao imóvel, enquanto sua dimensão transversal – dada pela empena – mantém-se muito pouco ampliada. São bem poucos os casos, quase sempre encontrados em galpões e salões como no Salão Hammermeister [TIO013], em que a estrutura precisou solidificar-se, ganhando peças extras, capazes de proporcionar resistência às dimensões ampliadas das duas grandes águas do telhado. Na maioria das vezes, entretanto, quando a necessidade de espaço é maior, mantém-se a estrutura padronizada e acrescentam-se apêndices laterais, ampliando-se em muito a área útil coberta. Essa alternativa é a usual nas numerosas olarias, em muitos dos Clubes de Tiro e na maioria dos ranchos e galpões que complementam os conjuntos rurais. Outra alternativa é a somatória de vários módulos, criando volumes diferenciados, mas que estruturalmente funcionam sem nenhuma novidade em relação às casas de imigrantes. Casos curiosos dessas inteirações de módulos ocorrem com as freqüentes casas emendadas, que podem ser encontradas em quase todas as regiões, com ênfase para o vale do Itajaí.

Importante é destacar que o módulo, que pode ser considerado uma constante na arquitetura teuto-brasileira, não é completamente estranho à arquitetura alemã.

Ao contrário, se analisarmos apenas o pavimento superior de muitos dos edifícios derivados da arquitetura enxaimel, veremos que essas



Salão Hammermeister [TIO013] durante a obra de restauração em 1994. A estrutura de caibros do telhado é reforçada por uma linha alta devido às grandes dimensões da edificação.

proporções podem ser encontradas na Alemanha. É um fator importante, pois estabelece uma ligação direta entre a arquitetura que os imigrantes conheciam em sua terra natal e a que implantaram no Brasil.

Assim, podemos tentar responder provisoriamente à indagação básica acerca da origem da arquitetura teuto-brasileira: é alemã na técnica, brasileira nos volumes e híbrida nos tratamentos da fachada. As soluções de plantas decorrem do desdobramento de embriões europeus, transformados e adaptados ao maior espaço disponível e ao clima encontrados no Brasil.

As constatações acima apresentadas transferem para a estrutura dos telhados, e não para a organização das plantas, as responsabilidades sobre a modulação básica da casa dos imigrantes alemães no sul do Brasil, em especial em Santa Catarina. As organizações em plantas, que sempre foram consideradas decorrentes das necessidades fundamentais e, portanto, as maiores responsáveis pelas definições e medidas do espaço construído da casa, ficam, assim, na condição secundária, de se estruturarem a partir dos espaços que os desvãos dos telhados lhe proporcionam.

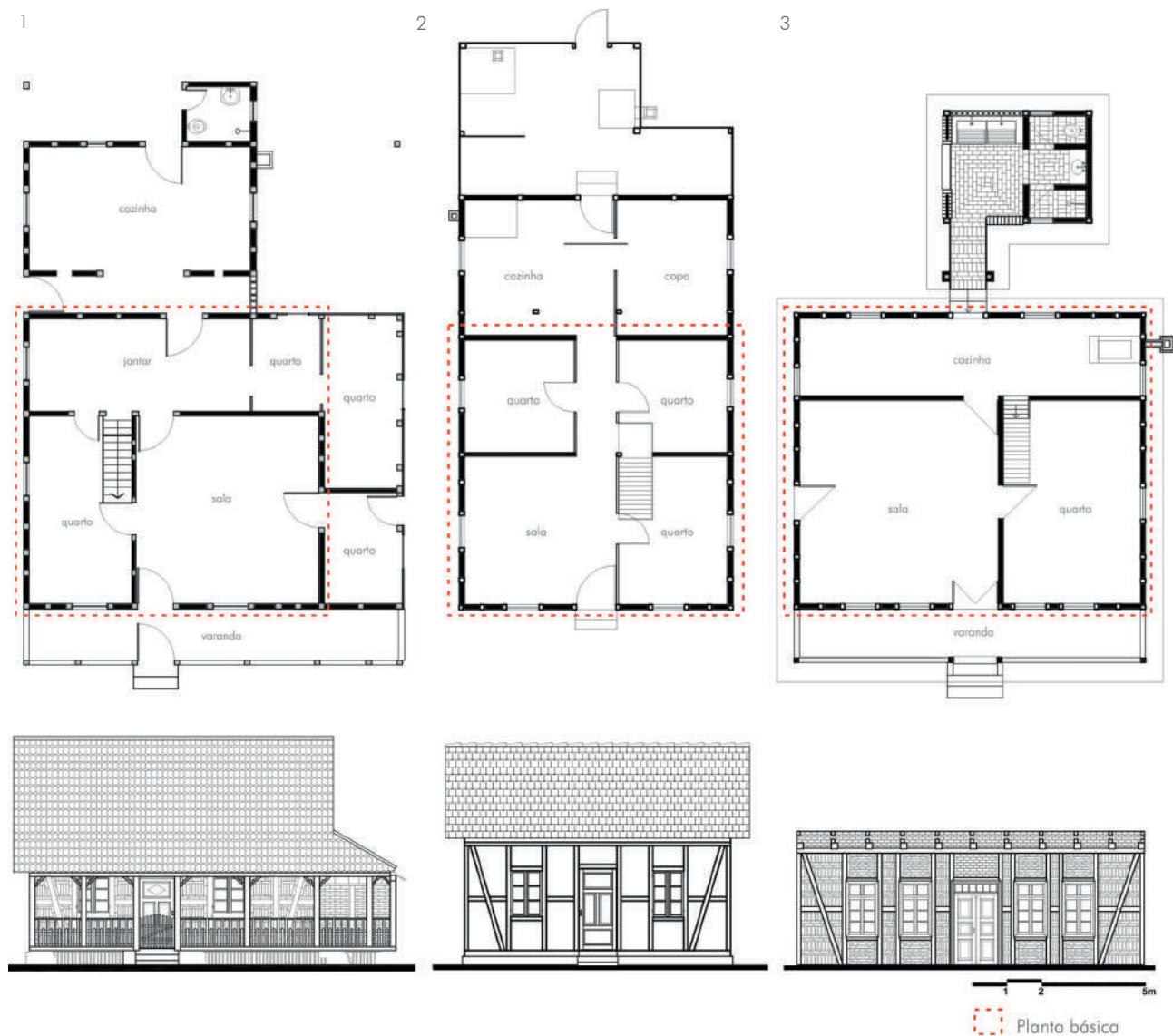
Vários fatores concorrem para esta afirmação, como o fato de as modulações das casas não mudarem quase nada com o tamanho maior ou menor das famílias, a declividade dos lotes, o tipo de cultura agrícola, o material e a técnica de construção, o fato de o sótão atuar como dormitório ou como depósito, a ocorrência ou não dos porões. Finalmente, cabe argumentar que, mesmo quando as plantas se transformaram, adotando varandas e ampliando os espaços de estar, é comum que as estruturas de telhado permaneçam inalteradas – passando-se a apoiar os acréscimos construídos na fachada (varandas) ou nos fundos (cozinha ou quartos).

Sendo assim, podemos avançar na tentativa de compreensão das plantas típicas que se estabeleceram na região de imigrantes, analisando algumas de suas generalizações e suas particularidades.

Como premissa, podemos compreender que:

- A organização da planta que se tornou tradicional decorre do modelo agrícola de minifúndios unifamiliares;
- Sua configuração ocorreu em decorrência das técnicas construtivas previamente conhecidas dos imigrantes, adaptadas às condições encontradas no Brasil;
- Estão presentes, na planta residencial dos imigrantes, valores universais de sociabilidade, conforto, segurança e adaptabilidade ao clima.

Efetivamente, trata-se de modelo globalizado, baseado em lotes pré-dimensionados e que tendiam a fazer de seus proprietários cidadãos semelhantes e com muitas afinidades entre si. Verifica-se que os programas arquitetônicos são sempre simples e funcionais, quase inexistindo, até o advento do ecletismo (que se inspirou francamente em modelos europeizados, distantes do eclético brasileiro), imóveis que pudessem ser considerados pelo vulto da sua construção ou pela sofisticação de sua planta. As condições sócio-econômicas semelhantes de muitos milhares de famílias e um certo desenvolvimento homogêneo, que proporcionou crescimentos mais ou menos equilibrados em muitas das colônias de imigrantes, devem ter contribuído para a virtual padronização da vida, das expectativas, das ambições e, por conseqüência, da arquitetura. Essa quase padronização de fato ocorreu, o que não deixa de ser



um acontecimento notável, dada a diversidade de procedência dos imigrantes, a heterogeneidade de soluções e partidos arquitetônicos encontrados na Europa e a relativa distância e isolamento das colônias no Brasil. Valores universais, perceptíveis nas soluções de moradias em todo o planeta, favoreceram a tendência de quase padronização, opondo-se a alternativas específicas.

Em resumo, a planta padronizada apresentava as seguintes características:

- Porta principal na fachada frontal, levando diretamente à sala;
- Dois compartimentos frontais – sala e quarto do casal – separados por parede de madeira ou enxaimel; no caso dos imigrantes poloneses, normalmente acrescentou-se o corredor central, com a função de distribuir o acesso ao interior da casa;
- Quarto ou depósito de grãos no sótão;
- Puxado nos fundos ou na lateral, construído originalmente ou como ampliação, onde funciona quase sempre a cozinha;
- Escada para o sótão, localizada normalmente no compartimento menor, a qual muitas vezes foi construída em fase posterior à da



construção inicial;

- Varanda na frente da casa, com apoios em madeira ou tijolos, com peitoril guarnecido de parapeitos e treliças de madeira ou em trabalhos esmerados de alvenaria, intercalando tijolos de modo a formar vazios, quase sempre construídos depois do módulo principal.

As modificações dessa planta básica ou soluções diferenciadas podem ser as seguintes:

- Dois quartos distribuídos ao lado da sala frontal;
- Introdução de corredor contíguo à porta principal;
- Parte da varanda fechada para adaptação de mais um compartimento;
- Ampliação lateral da casa, muitas vezes com a incorporação de mais um módulo estrutural inteiro;
- Subdivisão do puxado dos fundos para mais um quarto;
- Mais uma ampliação para os fundos onde se localizava a nova cozinha, servindo a anterior para mais quartos.

Outras soluções de planta também encontradas:

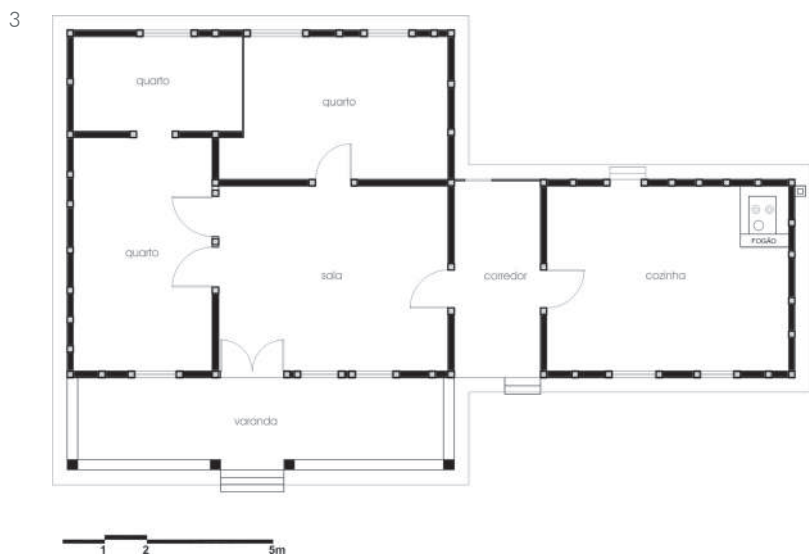
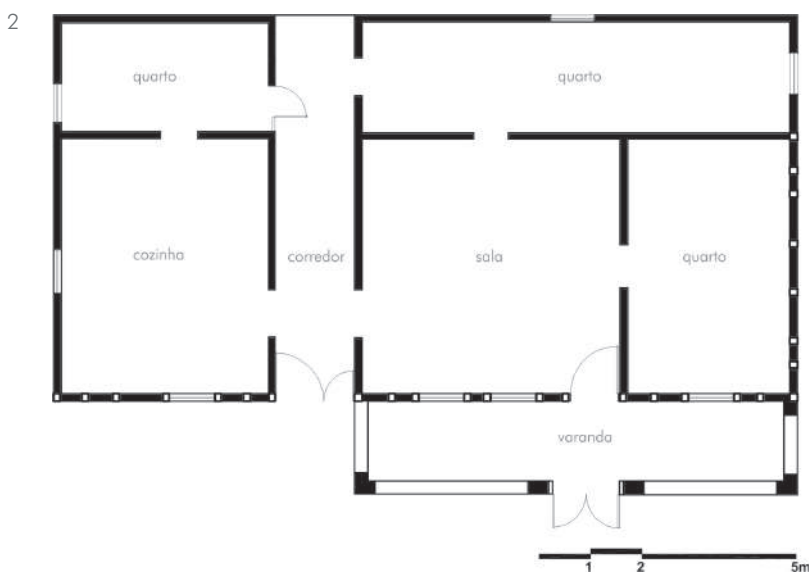
- Duplicação lateral da estrutura ou do módulo da casa;
- Dois volumes separados com passagem coberta: corpo principal da casa e cozinha – mais comum em áreas de predomínio ou de forte influência de imigrantes italianos.

A arquitetura dos imigrantes é sofisticada e conjuga magnificamente forma e função.

Já constatamos a existência de um módulo estrutural perceptível na lateral da arquitetura teuto-brasileira. Se observarmos a fachada, em especial da casa enxaimel, onde toda a estrutura está evidenciada, veremos como esse arcabouço modulado se coaduna perfeitamente com as aberturas



- 1 - Planta e fachada frontal da Casa Fleith [JVE023], em Joinville.
- 2 - Planta e fachada frontal da Casa Schroeder [JVE026], em Joinville.
- 3 - Planta e fachada frontal da Casa Rux [JGS068], Jaraguá do Sul.
- 4 - Elevação lateral da Casa Schroeder [JVE026].
- 5 - Elevação lateral da Casa Fleith [JVE023].



Exemplos de plantas com cozinha separada do corpo principal, ligada por corredor: influência italiana, muitas vezes registrada em áreas de predominância alemã.

- 1 - Casa Zimath (TIO007), em Timbó.
- 2 - Casa Radoll (TIO005), em Timbó.
- 3 - Casa Reinecke (TIO004), também em Timbó.

frontais e com o partido plástico da construção. O ritmo da composição é freqüentemente quebrado pela inserção de colunas gêmeas, e todo o conjunto é ainda dinamizado pela introdução freqüente de painéis de tijolos, formando desenhos geométricos decorrentes de sua colocação caprichosa. Forma e função se conjugam de modo que os elementos formais correspondem ao funcionamento desejado. Um exemplo concreto: deseja-se que a planta deva ter a sala e o quarto voltados para a fachada. Por outro lado, esteticamente, a

porta principal deve estar no centro da composição da fachada. Como proceder? A solução é simples e resolve os dois problemas apresentados: a sala é maior, avança além da simetria da planta, de modo que a porta possa assumir, plástica e formalmente, a desejada posição central.

Tal projeto pode ser admitido como solução de agricultores recém-transplantados, lutando com cotidianas dificuldades de fixação? Não há dúvida de que se pode acreditar na existência de algum tipo de conhecimento ou pré-projeto, que pudesse ter conjugado, com tamanha felicidade, tantas facetas necessárias a um projeto de tantas qualidades. Não é nada fácil criar uma arquitetura que relacione com maestria inquestionável as novas necessidades espaciais de seus construtores, seus anseios estéticos e conhecimentos construtivos, em um todo homogêneo e admirável – sob qualquer aspecto.

Houve uma padronização de programas e linguagem arquitetônica, em região ampla e por longo espaço de tempo. Essa constatação é de difícil equacionamento, uma vez que, segundo a história, não foram tão intensas as relações entre as diversas colônias de imigrantes. Mesmo nos empreendimentos coloniais que arregimentaram imigrantes de mesma nacionalidade e forte empatia entre si, como foi o caso de Blumenau e a atual Joinville, a história não registra uma proximidade e influências recíprocas, capazes de explicar a adoção de soluções arquitetônicas tão próximas umas das outras. Como então compreender que praticamente um mesmo tipo de arquitetura tenha sido edificado de Pirabeiraba, nos contrafortes da Serra do Mar, quase na divisa com o Paraná, até Brusque e Guabiruba, subsidiárias dos rios Itajaí-Açu e Itajaí Mirim, distantes cento e cinquenta quilômetros – na época cobertos de florestas quase intransponíveis?

Terá havido um precursor, um grupo de artífices, ou um personagem, capaz de estabelecer e propagar uma criação arquitetônica vulgar? Não existem respostas, e também nesse caso ganha corpo a tese da admissibilidade de uma dosagem grande de conhecimento transmitido, ou seja, de que a base da arquitetura teuto-brasileira de Santa Catarina tenha vindo, em grande parte, na bagagem técnica/cultural dos imigrantes que aqui se fixaram, recebendo aqui, entretanto, as pinceladas capazes de adaptar o repertório já conhecido aos novos volumes e dimensões das casas construídas no Brasil.

Sobre a questão da gênese da casa dos imigrantes alemães, vale considerar dois dados, ainda pouco relacionados. O primeiro diz respeito ao fato de que a quase padronização dessa arquitetura não foi fruto dos primeiros anos – os de implantação das colônias. As imagens de Blumenau, de Joinville, de Brusque e da Colônia São Pedro demonstram que, nos primórdios, a arquitetura foi diversificada, muitas vezes expressa através de um exotismo que desapareceu ao longo do amadurecimento dos empreendimentos.

O segundo fator, ainda pouco estudado, refere-se à possível influência exercida pelos colonos da Colônia São Pedro Alcântara, que logo depois da fundação de Brusque, Blumenau e Joinville, deslocaram-se para essas novas colônias, em busca do sucesso que não haviam colhido na primeira experiência. Na região da Colônia São Pedro, a arquitetura teuto-brasileira é sensivelmente diferente da que se construiu nos demais empreendimentos. Ali o imigrante interagiu muito mais com os “brasileiros” do caminho das tropas, das proximidades de Desterro e dos campos de Lages. A arquitetura mesclou-se de elementos da tradição local, em especial quanto às estruturas e inclinações dos telhados e no que se refere aos pilares da arquitetura enxaimel.

Nas coberturas, predominaram as soluções com cumeeiras, terças e frechais, cobertas com telhas capa e canal – comuns em todo o Brasil. Os pilares, à maneira do pau-a-pique mineiro, são cravados no solo, prescindindo do travamento transversal característico da arquitetura enxaimel das outras colônias do estado. Nota-se, na região da antiga São Pedro Alcântara, que a arquitetura também tendeu, ao longo do tempo, para uma certa uniformização. As soluções, que foram se impondo nos mais de vinte anos que antecederam o nascimento dos outros empreendimentos, podem ter proporcionado pelo menos parte dos aprendizados que permitiram a padronização da arquitetura nas outras colônias. Não é incomum que se localize, na colônia São Pedro, a proporção que mais tarde seria consagrada nas outras regiões. Também as plantas com sala e quarto frontais já podem ser vislumbradas em pequenas casas enxaimel ainda existentes na região. Essas experimentações pioneiras e o aprendizado delas decorrente dificilmente deixariam de influenciar – em alguma medida – o conjunto de fatores que condicionou a arquitetura de Blumenau e Joinville.

## Organização e variação de plantas

A explicação da organização das plantas é assunto polêmico. Ocorre que o problema da dimensão das casas é um dos principais diferenciais das casas edificadas no Brasil com as suas congêneres da Europa. No velho continente, as residências eram normalmente maiores, não raro aptas a abrigar homens e animais durante os longos meses de inverno.

No Brasil, os variados programas existentes na Europa sofreram uma espécie de fusão e, com especificidades relativamente pequenas, italianos, alemães e poloneses reduziram a construção da casa a alguns poucos compartimentos, com vários pontos em comum, como o quarto e a sala frontais, tornando muitas vezes difícil a classificação das plantas das moradias apenas pelos países e regiões de origem dos imigrantes. Não pode haver dúvida de que esta diminuição do volume deu-se por duas razões principais:

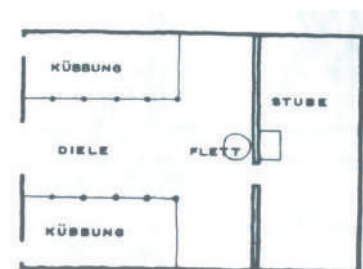
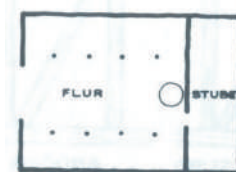
– o clima, que desaconselhava a presença do fogão no coração da casa e tornava anacrônicos os programas europeus complexos, que tinham como objetivo organizar a fonte de calor no núcleo central da casa;

– a abundância de terras, que ao contrário da Europa, proporcionava que cada um dos membros da família dispusesse da sua propriedade, distribuída ao longo de uma área relativamente extensa.

Assim, além da fartura de áreas agrícolas, de seu baixo preço e da fácil obtenção, mesmo quando as colônias se desenvolveram e alguns de seus membros enriqueceram, a base social manteve-se lastreada nos minifúndios agrícolas, fator que sem dúvida induz dimensões modestas e materiais simples.

Efetivamente, as casas de pequenos produtores formam o cerne da arquitetura dos imigrantes no sul do Brasil, qualquer que tenha sido a sua proveniência e em qualquer época dentro da faixa de tempo priorizada – de meados do século XIX até metade do XX.

Assim, a arquitetura residencial dos diferentes imigrantes pouco diferiu em dimensão de planta e mesmo em programas residenciais,



A evolução da casa westfaliana, segundo Günter Weimer.

embora possam ser notados tamanhos ligeiramente maiores nas casas de italianos e poloneses/ucranianos, com correspondentes ampliações de altura e complexidade de plantas, que analisaremos adiante.

O fogo, e a cozinha como extensão, foram sempre condicionantes básicos na arquitetura residencial de todas as regiões do mundo. No caso dos imigrantes alemães e poloneses, provenientes de regiões onde o inverno é inclemente e duradouro, e mesmo onde os italianos do norte se fixaram, a posição do fogão representava, por longos meses, o ponto vital da casa. O fogo aceso era indispensável à sobrevivência dos homens e dos animais, abrigados sob o mesmo teto para facilitar o aquecimento e o provimento. Um fogão central também representava importante economia do combustível que alimentava o fogo e produzia calor.

Chegados ao Brasil, os imigrantes encontraram uma situação inversa. O clima quente na maior parte do ano desaconselhava a proximidade com a fonte de cocção e de aquecimento. Além do fator climático, deve ser ressaltado que os materiais com que se confeccionavam as primeiras casas – madeira e palha – eram vulneráveis ao fogo, registrando-se vários casos de incêndios, até que se introduzissem as chapas de fogões metálicas, já no final do século XIX. Como conseqüência, como frisa Günter Weimer, parece que, nas primeiras casas dos imigrantes, as cozinhas foram edificadas fora das casas – em especial no Rio Grande do Sul.

A já referida planta com sala e quarto frontais, muitas vezes antecedida por uma varanda corrida e complementada, nos fundos, por espaço dividido entre a cozinha, o comedouro e eventuais quartos dos filhos, foi adotada por todos os imigrantes.

Baseados nessas considerações, acreditamos que as plantas da arquitetura teuto e ítalo-brasileira, bem como as construções edificadas nas áreas onde predominaram os imigrantes da Polônia e da Ucrânia, formaram-se a partir de modelo estabelecido no Brasil, baseado em soluções técnicas existentes nos países de origem dos imigrantes, mas adaptadas aos diferenciais e novas necessidades encontradas em terras brasileiras.

Os reflexos dos novos determinantes encontrados no Brasil podem ser observados em especial na localização do fogo (a cozinha), na posição do quarto do casal e na sala frontal.

O abrigo secundário, ou seja, a casa provisória, que já possuía paredes, portas e janelas, compunha-se principalmente de dois ambientes internos: o quarto e a cozinha/copa/sala. Essa disposição primária reflete a divisão do espaço doméstico em público e privado, considerando-se que a cozinha/sala pode receber visitantes, enquanto o dormitório é para uso exclusivo da família.

A esses dois compartimentos básicos, logo se juntou, quando da construção da casa definitiva que veio substituir os primeiros abrigos, a sala de receber, especializando, por assim dizer, o espaço de socialização. Esse espaço, bem como sua posição na casa, também é sintomático. A sala surge quando já não se pensa apenas na sobrevivência ou na mera fixação no lote. Ela representa o “além do doméstico”, o convívio – o elo comunitário. Destinada a receber, a sala vai ocupar sempre, seja na morada urbana ou na rural, a posição mais próxima do acesso externo a casa. Nesse aspecto, é a antítese

da cozinha, tradicionalmente ligada às tarefas domésticas, e interligada aos fundos da morada, onde se situam suas principais fontes de abastecimento. Essa posição, comum nas várias culturas (na casa luso-brasileira, a cozinha se situa invariavelmente nos fundos, voltada para o interior do lote), pode estar relacionada com o espaço feminino, ancestralmente considerado como necessitado de proteção, freqüentemente relacionado com a reclusão doméstica.

O quarto frontal, por sua vez, deve estar associado ao fator de segurança, espécie de sentinela avançado, presente desde os primeiros abrigos humanos. Cabe ao casal, em especial ao patriarca, a tarefa de intermediar o mundo doméstico com o exterior. Vigiar à noite, prevenir contra intrusos, autorizar ou proibir o acesso – e eventualmente as saídas...

Esses três espaços, espécie de estruturadores universais, foram sempre os elementos em torno dos quais se organizou também o programa residencial do imigrante em Santa Catarina: primeiro o quarto, depois a cozinha, aos quais logo se juntou a sala. Com a junção do comedouro à cozinha, através da simples incorporação de uma grande mesa de jantar, formou-se o programa residencial que, invariavelmente, moldou a morada durante todo o tempo que essas construções guardaram doses elevadas de vinculação com a tradição construtiva dos imigrantes: até a Segunda Guerra Mundial.

Esse programa reservou a parte frontal das casas para o uso mais restrito de receber e do dormitório do casal. Nos fundos estabeleceu-se a parte íntima da residência: a cozinha, o quarto dos filhos e o comedouro. Contíguos a essas áreas, normalmente integrados à cozinha, estavam o poço de água, o tanque de roupa, a horta e o forno.

Muito mais tarde, já no final do século XX, foi nessa mesma área que se instalaram os banheiros.

Sugerimos que tenha havido a adaptação de casas dos imigrantes às condições brasileiras. Como exemplo de correlação de programas residenciais, podemos ressaltar a planta apresentada por Günter Weimer como sendo da região Vestfaliana. Podemos confirmar que essa casa apresenta uma composição, entre seus elementos, bastante próxima da organização que acabou por preponderar no Brasil – principalmente se notarmos que é, ainda hoje, muito comum que nos quartos dos casais descendentes de imigrantes alemães, durmam também os filhos menores, configurando a Stube, sugerida por Günter Weimer. Esta planta apresenta curiosa perpetuação em Joinville, onde ainda é comum a construção de ranchos anexados aos fundos das casas. O conjunto formado, embora os estábulos estejam em volumes separados, possui planta em tudo similar ao desenho apresentado por Günter Weimer.

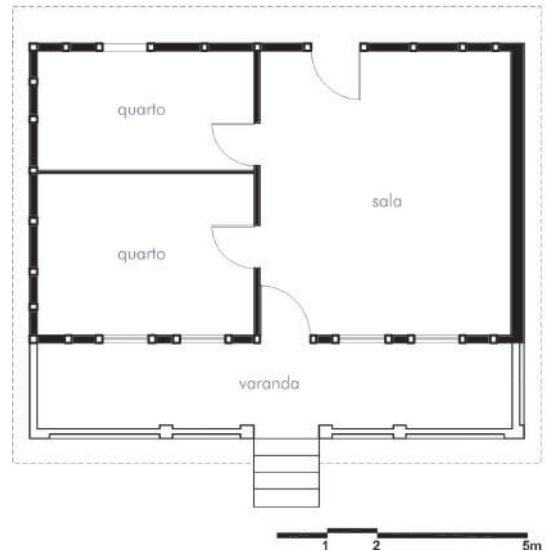


3 - Planta baixa da Casa Wunderwald [POD024], Pomerode.  
4 - Planta baixa da Casa da Rádio Cultura [TIO009], em Timbó.

3



4



Assim, a planta teria origem na Europa, e no Brasil teria sido adaptado ao volume definido pela estrutura do telhado, chegando-se à padronização de colocar o quarto e a sala voltados para a frente do lote, reservando-se os fundos para cozinha, comedouro e dormitórios suplementares.

No caso catarinense, e em especial nas moradias rurais, integra-se, à padronização aludida, a escada antecedendo a casa, relacionando-se muitos casos de importantes contribuições dos numerosos degraus e do alçamento da arquitetura às composições das fachadas de casas como a Reinecke [TIO004], em Timbó, e a Schiocket [JGS036], em Jaraguá do Sul. Assim, pode-se afirmar que, quando existe a varanda, a escada está sempre situada em frente à porta principal. Quando inexistente a varanda, a escada comunica-se diretamente com a porta principal, comumente no eixo de simetria do imóvel. Essa solução não sofre alterações nas casas dos imigrantes poloneses, sendo um pouco menos evidente na arquitetura ítalo-brasileira do sul do estado.

As soluções diferentes de plantas são raras, ocorrendo mais amiúde alternativas que podemos descrever como “variações de um mesmo tema”. Na Casa da Rádio [TIO009], em Timbó, existem dois quartos que correspondem à sala frontal, solução esta que parece importada das casas italianas – comuns em Timbó e predominantes nos vizinhos municípios de Rio dos Cedros, Ascurra e Rodeio. Na excepcional Casa Wunderwald [POD024], em Pomerode, registra-se um corredor que comunica a porta central com a sala dos fundos, abrindo-se lateralmente para a sala e para o quarto frontal. Essa solução, incomum na região de imigrantes alemães, é relativamente corriqueira nas áreas onde predominam poloneses e ucranianos e parece corresponder a tradições de climas onde o inverno é mais rigoroso: o corredor serve como antecâmara, que protege a casa do frio quando se abre a porta principal.

A escada está sempre posicionada em frente à porta frontal, geralmente no eixo de simetria da fachada. Em algumas casas a escada é um elemento marcante, como no caso da Zimath (1) e da Hary Hein (2).

1 - Casa Zimath [TIO007], Timbó.  
2 - Casa Hary Hein [BLU051], Blumenau.

Principalmente em Timbó, existem várias casas com interessantes cozinhas laterais, interligadas à sala principal. A solução quase com certeza deriva da influência de imigrantes italianos, pois ela é comum em Caxias do Sul e em municípios catarinenses marcadamente influenciados pela tradição dos colonos provenientes da Itália.

Existem outras derivações no que se refere ao compartimento dos fundos, à varanda e aos compartimentos laterais.

Nos fundos, por vezes, encontram-se quartos que ocupam parte da área usualmente reservada para cozinha e comedouro. Também na varanda, encontram-se, algumas vezes, compartimentos destinados a quartos de costuras, dormitórios ou mesmo depósitos. Na região de Joinville, foi comum a localização da cozinha na lateral da casa, conforme se verifica em gravuras dos primeiros anos da antiga Colônia Dona Francisca. Atualmente, esses compartimentos quase sempre foram adaptados para quartos ou, menos comumente, depósitos.

## A evolução da casa

A planta da casa típica, como salientamos, conheceu uma versão preliminar caracterizada por construção singela, composta por apenas dois compartimentos, e daí evoluiu para soluções que se tornaram quase padronizadas. É perfeitamente identificável, em todas as colônias, o elemento que podemos considerar o módulo básico da arquitetura residencial de Santa Catarina. Na casa de imigrantes alemães e poloneses, trata-se da parte da casa delimitada pelos caibros da cobertura frontal, à qual invariavelmente correspondem, em planta, o quarto e a sala principal. Esse módulo, que em elevação lateral se apresenta retangular, por vezes quadrado, encimado pelo frontão, logo se tornou a base das adaptações necessárias ao clima e aos costumes que se estabeleceram no interior de Santa Catarina. A adaptação se deu de forma simples: aumentando-se os telhados com caibros apoiados na estrutura básica e em frechais confeccionados sobre novos apoios, nos fundos e na frente das casas. Na parte da frente, voltada para a estrada ao longo da qual se estabelecera a propriedade, instalou-se uma varanda, que passou a ocupar toda a testada do imóvel. Nos fundos, incorporada à casa principal, consolidou-se a cozinha, dividindo o espaço com o comedouro, criando uma espécie de sala íntima, onde a família convivia em volta do fogão e da grande mesa onde se faziam as refeições. Essa solução – módulo central formado por sala e quarto, com sótão, tendo à frente a varanda e aos fundos a cozinha/jantar, pode ser considerada a planta padrão de toda a região de imigrantes alemães e poloneses em Santa Catarina, e foi adotada com frequência pelos italianos do Vale do Itajaí. Interessante é notar que essa configuração geral não difere demasiadamente da descrição que Lúcio Costa faz do volume da casa luso-brasileira, quando identifica um módulo principal a partir do qual, “como as asas de uma galinha que protege seus pintinhos”, a cobertura se estende e abriga funções agregadas ao clima e aos usos predominantes no Brasil.

Esses programas semipadronizados evoluíram, já no século XX, para soluções mais complexas de plantas, muitas vezes já identificadas com o ecletismo. Varandas envidraçadas, mais de um ambiente de estar, escadas ligadas às áreas sociais, quartos mais amplos e arejados, instalações sanitárias



e espaços de receber surgiram com as primeiras décadas do século XX e estenderam-se até meados do século. É de se notar que essas moradias muitas vezes buscaram inspiração em modelos construídos na Alemanha, na Itália ou na Polônia. É a fase do sucesso dos empreendimentos coloniais, quando os antigos imigrantes mantinham contato permanente com seus parentes que permaneceram na Europa, as correspondências eram fartas e as possibilidades de viagens, muito maiores.

Circulavam manuais e catálogos de construções, fotos, imagens e gravuras, permitindo facilmente o transplante de soluções urbanas e rurais no Brasil.

Essa trajetória de correlação com a Europa foi interrompida pela Segunda Grande Guerra, que gerou uma espécie de negação às origens – já que muitos dos países de procedência dos imigrantes estavam em estado de beligerância com o Brasil. As transformações internas, ocorridas em todo o território brasileiro nas décadas seguintes, e as rápidas transformações econômico-sociais, que trouxeram, entre outras mudanças, a industrialização e a urbanização, acabaram por relacionar a arquitetura residencial das áreas de imigração com o conjunto da arquitetura de moradia no Brasil. Pode-se estabelecer como sendo a partir da década de sessenta que esse fenômeno tornou-se avassalador, apagando regionalismos e implantando um modernismo simplificado e funcionalista em todos os rincões do Brasil.

A análise de exemplares de diferentes períodos permite identificar diferenças em casas pioneiras e tardias, nos seguintes elementos:

Casas mais antigas:

- Aparência mais arcaica, peças estruturais de madeira grossas e falquejadas, portas e janelas menores e mais toscas;
- Casa menor com menor altura;
- Predominância da estrutura em relação aos vãos e paredes laterais sem janelas, em especial as empenas;
- Ausência de varanda ou evidência clara de varanda acrescida posteriormente;
- Sistema construtivo mais rudimentar (produto do trabalho mais manual do que mecanizado): tijolos cozidos em formas manuais, e não extrudados em olarias. Madeiras falquejadas e não serradas;
- Ausência de ornamentos.

Casas tardias:

- Casas maiores, com aumento na altura;
- Aparência menos severa, mais esbelta;
- Estrutura mais delgada;
- Maior quantidade de aberturas, mais vidraças;
- Decoração mais exuberante, com painéis decorados, alvenarias policromadas e pinturas decorativas;
- Varandas construídas na mesma época que o corpo das casas.

## Os ranchos e anexos



A arquitetura rural de imigrantes alemães, italianos, poloneses e ucranianos nunca prescinde de ranchos e anexos. São construções escuras, praticamente nunca pintadas, que guardam as cores naturais da madeira envelhecida. A configuração estritamente funcional dos ranchos e anexos demonstra como, ao longo do tempo, a estética tem por tendência incorporar-se aos partidos arquitetônicos, mesmo aos que teoricamente se atêm exclusivamente ao uso – quase que intrinsecamente. Tal é o caso da região dos imigrantes, onde os ranchos, aparentemente despreziosos como arquitetura – por desatentos à plástica – impõem-se exatamente pela coerência e integridade de sua construção, pela força de seus volumes e pela beleza resultante de sua composição rústica. Deve-se destacar que os ranchos poloneses e italianos apresentam volumes maiores, mais altos e compactos, nem sempre complementados por acréscimos laterais – muito mais comuns nos germânicos.

Nos edifícios atualmente registrados sem essas construções subsidiárias, pode-se afirmar, com segurança, que elas foram suprimidas ao longo do tempo e que, originariamente, casas, igrejas, estabelecimentos comerciais e inclusive os industriais foram sempre marcados pelos volumes singelos dos grandes telhados sustentados por fortes estruturas de madeira, normalmente vedados também por tábuas ou ripas, igualmente confeccionadas em madeira.

O estudo dos ranchos e anexos precisa ser ampliado, pois essas construções singelas talvez representem alguns dos edifícios mais antigos de toda a região.

Muitos dos antigos encaixes, soluções estruturais e provavelmente das experiências estéticas podem ser pressentidas nos ranchos. Deve-se registrar, também, a profusão de vestígios de paredes e alicerces encontrados nos ranchos mais antigos. A análise cuidadosa dessas grandes construções pode se constituir em importante fonte de estudo da evolução das moradias transitórias, construídas entre os abrigos pioneiros e as casas definitivas. Pode-se, portanto, partir da hipótese de que muitos dos ranchos atuais guardam partes significativas de antigas moradias.

Os ranchos fazem parte importante do conjunto das propriedades rurais. São sempre funcionais, estão relacionados ao trabalho rural específico (depósito de grãos, curral, paiol, estrebaria...). Seu volume sempre se destaca na paisagem, em todas as regiões de imigrantes. A madeira é invariavelmente o material empregado na construção e a inclinação e estrutura dos telhados relacionam-se com a arquitetura das casas da região.

- 1 - Interior do rancho da Casa Erich Hardt [POD054], em Pomerode.
- 2 - Conjunto de ranchos na estrada de Nereu Ramos, em Jaraguá do Sul.
- 3 - A disposição da casa e do rancho formam o pátio de serviços, na Casa Miguel Poffo [ASC003], em Ascurra.
- 4 - A volumetria do rancho destaca-se na paisagem de Moema, em Itaiópolis.
- 5 - Um dos ranchos do Sítio Tribess [POD065], em Pomerode.
- 6 - Rancho da propriedade Biekholtz [SBS027], na estrada Dona Francisca de São Bento do Sul.
- 7 - Rancho da Casa Regina Klug [TIO001], em Timbó.
- 8 - Rancho na Estrada da Covanca [JVE100], Joinville.
- 9 - Ranchos da Casa Radoll [TIO005], em Timbó.



A estrutura da cobertura, no que se refere aos ranchos construídos por imigrantes alemães e de origem eslava, baseia-se nos telhados de caibros, com a variação de que, nos lotes de descendentes de alemães, os acréscimos laterais são quase a regra – nunca a exceção. Isso se justifica pela persistência dos imigrantes dessa etnia na construção de estruturas simples de caibros, de dimensões modestas, e que acabam necessitando de anexos laterais – muitas vezes confeccionados juntamente com os volumes principais. Entre os poloneses, onde o telhado geralmente é maior – quase sempre com linhas altas e por vezes terças, que permitem volumes de cobertura mais amplos –, os ranchos normalmente prescindem de ampliações laterais. Criam-se, assim, coberturas altas, vedadas com tábuas de madeira ou belas soluções de ripados, que permitem ventilação e aeração adequadas, internamente divididas por pilares e compartimentações variadas. Nos ranchos pode ocorrer, eventualmente, a fixação dos pilares diretamente no solo – o que nunca ocorre nas moradias, sempre elevadas em relação ao nível do terreno.

### O jardim, o pomar e a horta



Típico jardim de uma residência da região de imigrantes alemães em Pomerode. A profusão de espécies e o volume das árvores esconde a própria casa.

O jardim foi sempre um elemento importante na configuração da casa e do lote rural na região identificada com a imigração, em Santa Catarina. Na área exclusiva de imigrantes italianos, parece ter ocorrido um número maior de implantações apegadas aos modelos urbanos, resultando em casas mais próximas das estradas e um número menor de jardins frontais. Pode-se afirmar que, nas moradias dos colonos itálicos, muito raramente os jardins assumiram a configuração de verdadeiras barreiras à visualização, como ocorre com muita frequência na casa dos imigrantes alemães. A ausência de sol não parece incomodar a muitos dos descendentes teutos, pois não é raro que a arborização do jardim sombreie toda a parte frontal do imóvel, permitindo visualizar, da entrada do lote, apenas os amplos volumes dos telhados da casa e de seus anexos.

Maiores ou menores, mais ou menos espessos, os jardins apresentam-se como uma área de introdução ao espaço doméstico, incorporando-se aos cuidados da arquitetura – como os detalhes construtivos e aos ornatos – na

apresentação geral da casa. É também um espaço de lazer, utilizado em especial pela matriarca, eventualmente auxiliada pelas mulheres da casa. Para protegê-lo dos animais domésticos, os jardins tendem a ser cercados, utilizando-se ripas de madeira ou telas metálicas.

Os jardins podem ser organizados em canteiros, com pequenas delimitações em tijolos ou madeira, entremeados muito raramente de espaços gramados. O mais comum, entretanto, é que sejam desprovidos de qualquer elemento que não as plantas, reservando-se caminhos de terra batida entre os canteiros de flores plantadas sem uma ordem predeterminada.

São muito variadas as espécies utilizadas, dentre elas as rosas, os girassóis, as azaléias, os jasmims, as camélias. Nas áreas de maior altitude, as hortênsias são freqüentes. Flores miúdas, como o amor perfeito e a boca-de-leão, estão quase sempre presentes. As espécies arbóreas costumam apresentar, no máximo, altura pouco maior do que os beirais da casa, com exceção dos palmitos e palmeiras, constantes na área frontal e nas laterais. Poucas árvores são admitidas na parte frontal do imóvel, mesmo as frutíferas, embora se registrem jabuticabeiras e pitangueiras em casos raros.

Por serem protegidos pelas cercas, as hortas costumam conviver com os jardins. Preponderam os tomates, repolhos, couves, alfaces, abóboras, pepinos, amendoim, pimentas e temperos, todos bastante utilizados nas refeições.

As hortas encontram-se freqüentemente plantadas nas laterais das casas e mais raramente nos fundos. Quando não estão protegidas pelas cercas dos jardins, geralmente recebem proteção específica, onde a preocupação com a estética é menor. As cercas com bambus e tábuas de madeira são geralmente utilizadas na proteção das hortas.

Os pomares também podem estar situados nas laterais das moradias, mas é mais comum que ocorram nos fundos das casas, reunindo abacates, caquis, carambolas, jabuticabas, pitangas, laranjas, limões, goiabas e araçás. As bananeiras estão sempre presentes, assim como a cana-de-açúcar. Os palmitos, também muito freqüentes, são guardados para ocasiões especiais. Geralmente os pequenos lagos, apreciados por patos e marrecos, estão nas proximidades, assim como os chiqueiros e o próprio celeiro. Os bambus, por suas múltiplas utilidades, são vistos como indispensáveis. Nas áreas de imigrantes poloneses e, principalmente, naquelas em que se fixaram os italianos, as parreiras são obrigatórias, permitindo a tradicional fabricação doméstica do vinho.

O esvaziamento rural, que leva a mão-de-obra jovem para a cidade e sobrecarrega de trabalho os remanescentes do campo, têm feito com que uma parte das fainas domésticas seja relegada, tais como as relacionadas com o aproveitamento das hortas e pomares. Até recentemente, boa parte da subsistência doméstica era proporcionada pela produção caseira, que abastecia as despensas com conservas e compotas de toda ordem. Atualmente, os próprios fornos tornaram-se raros e os tachos para produção de melados e doces já são verdadeiras preciosidades.



## DETALHES CONSTRUTIVOS

## Pisos



O piso mais presente na arquitetura dos imigrantes em Santa Catarina é o assoalho de madeira, quase onipresente, encontrado em variadas larguras, comprimentos, espessuras, com ou sem requintes, em acabamentos ou rodapés. Os assoalhos evoluíram dos tabuados largos das casas rurais para modelos urbanos confeccionados com madeiras mais estreitas, dotadas de bordas que emolduravam, por vezes, cada um dos compartimentos, formando desenhos. Não raro tiraram partido da tonalidade clara e escura dos variados tipos de madeira, principalmente das canelas e perobas.

Os assoalhos mais antigos são facilmente identificados pela grande dimensão das tábuas (em especial pela largura) e pelo aspecto rude do seu sistema de corte, beneficiamento e encaixe lateral. Foi só no século XX que se difundiu o encaixe macho e fêmea, que substituiu o meia madeira e o junta seca dos primeiros tabuados de piso.

Praticamente inexitem, na região de imigrantes, tacos ou parquês, que só foram introduzidos quando as arquiteturas regionais perderam suas antigas especificidades, já na segunda metade do século XX. Comuns a partir do final do século XIX, os ladrilhos hidráulicos foram utilizados, principalmente, em edifícios de uso comunitário, em especial nas igrejas e estabelecimentos comerciais. Nas moradias, sempre elevadas do solo, foram raros, surgindo mais amiúde em modelos ecléticos construídos nas áreas urbanas, ou na construção dos banheiros integrados às casas, já na segunda metade do século XX.

Jardins e hortas estão sempre presentes nas propriedades rurais, especialmente no caso de imigrantes alemães. É notável a quantidade de espécies (muitas trazidas da europa) que os compõem. Flores, frutas, árvores, verduras se confundem. Frequentemente não há uma clara distinção entre jardins, pomares e hortas.

- 1 - Casa Nelson Bauer [BLU035], na Vila Itoupava, em Blumenau.
- 2 - Casa Edwirges Eichendorf [SBS003], São Bento do Sul.
- 3 - Acesso à Casa Rux [JGS068], em Jaraguá do Sul.
- 4 - Casa João Pabst [JVE010], em Joinville.
- 5 - Horta da Atafona Gessner, em Indaial.
- 6 - Casa Berta Wiener [JVE008], em Joinville.
- 7 - Casa Duwe [IDL001], Indaial.
- 8 - Casa Waldemiro Struck [SBS010], São Bento do Sul.

## Forros

Os forros também evoluíram, a partir da dimensão maior das peças encontradas nos modelos mais antigos, para uma espécie de padronização de 10 a 15 centímetros, nas construções mais recentes. Também se transformaram em função do tipo de encaixe lateral do tabuado de forração. Originariamente, as tábuas de forro eram fixadas lateralmente umas às outras, ou nos compartimentos de fundos das casas enxaimel, onde os forros acompanham a inclinação dos caibros por justaposição, pregando-se a extremidade de cada unidade sobre a peça vizinha, sucessivamente, o que resulta em uma solução do tipo escamada. Mata-juntas também foram utilizadas, porém são mais raras. Com a evolução dos equipamentos, a especialização dos trabalhos e a ampliação do número de serrarias, ganharam espaço os encaixes do tipo meia madeira, que permitiram novas possibilidades de forração, inclusive dos saia e camisa, comuns em todo o Brasil e também entre os imigrantes de todas as etnias, com ênfase para os italianos. Os forros são menos notáveis na arquitetura teuto-brasileira do que nas demais. Entretanto, em modelos urbanos construídos a partir de 1890 encontram-se exemplares de grande esmero, na arquitetura de todas as etnias.

Os encaixes do tipo macho e fêmea foram introduzidos mais tarde. Por suas vantagens de vedação, e também pelas facilidades de produção, acabaram preponderando, tornando-se usuais, a partir de meados do século XX, os chamados forros paulistas, formados por tábuas de 10 a 12 centímetros. Esse tipo de forração está sempre presente em intervenções realizadas nas últimas cinco décadas.

## Encaixes

Aspecto significativo na arquitetura dos imigrantes são os encaixes de madeira, produzidos principalmente nas estruturas de cobertura e nos tramos das armações enxaimel. Esses encaixes formam parte substancial de antigos saberes construtivos, longamente acumulados, e representam, sobretudo, soluções para problemas que se mantiveram atuais, quando os imigrantes precisaram valer-se de seus conhecimentos técnicos para edificar seus abrigos na terra que escolheram para viver. As soluções adotadas são simples, eficazes e funcionais. Correspondiam à precariedade de instrumentos, de meios – e à abundância da madeira. Faltava o metal, eram caros e perecíveis os pregos, situação a que ainda estavam habituados os europeus do século XIX. Com efeito, desde o período medieval as estruturas do velho continente serviam-se quase que exclusivamente dos encaixes de madeira. Na rústica tesoura dos telhados germânico/eslavos, a base eram os grossos barrotes, sempre falquejados nos primeiros tempos. Armados sobre cada um desses barrotes, valendo-se do encaixe popularmente conhecido como espiga, os dois caibros encontravam-se no topo da cobertura, unidos pelo encaixe denominado de meia madeira, preso com tarugo (cavilha) de madeira dura.

Na estrutura enxaimel, os encaixes, que também interditavam o uso do metal, formavam a base dos segredos construtivos das estruturas autônomas de madeira. Na essência, a estrutura enxaimel da arquitetura teuto-brasileira é a síntese de peças transversais e horizontais de madeira, assentadas



Na maioria das casas, o forro é formado pelo assoalho do sótão. Neste caso, o barrotoamento fica aparente.

- 1 - Casa Helmut Ulrich, Guabiruba [GBR006].
- 2 - Forro cozinha Casa Norberto Zimath, Timbó [TIO007].
- 3 - Casa Helmut Lümke [POD014].

São variados os tipos de encaixes, especialmente nas estruturas enxaimel, que prescindem de pregos ou outros elementos metálicos.

- 4 e 5 - Encaixes utilizados na ligação de peças do baldrame e esteios da Casa Radoll [TIO005], em Timbó.
- 6 - Encaixe de tesoura, com cavilha de madeira, no Casarão do Lageado [CPA019], em Campo Alegre.
- 7 - Detalhe da ligação entre peças do baldrame e fundação do Comércio Zimmdars [BLU081], em Blumenau.
- 8 - Estrutura do telhado no Salão Hammermeister [TIO013], em Timbó.
- 9, 10, 11 e 12 - Encaixes diversos na Casa Ulrich [GBR006], em Guabiruba, exemplar singularizado especialmente pela maestria da estrutura enxaimel.
- 13 - Detalhe da junção dos esteios e peças horizontais nas estruturas enxaimel.
- 14 - Junção dos caibros no telhado da Casa Ulrich [GBR006].
- 15 e 18 - Excepcionalidade dos encaixes encontrados em um rancho de propriedade em Luiz Alves.
- 16 - Encaixes da estrutura do Depósito Breithaupt JGS147], em Jaraguá do Sul.
- 17 - Detalhe da estrutura do telhado na Casa Felix Canever [ORL003], Orleans.





sobre sapatas altas e unidas por encaixes reforçados por cavilhas. Em cada face das construções, duas peças inclinadas respondem pelo contraventamento da estrutura. Dentre os principais encaixes utilizados, registram-se: os do tipo espiga, preferidos no encontro do topo das peças verticais com peças horizontais; meia madeira, usados quando peças verticais transpassam horizontais; encaixes mistos, principalmente de espiga e meia madeira, comuns nas quinas da estrutura. Em casos especiais, encontra-se um número maior de encaixes, principalmente os rabo de andorinha, confeccionados para emendas de peças horizontais, e o esteio, comum também em peças estruturais dispostas horizontalmente.

Os encaixes eram riscados com grafite ou giz, confeccionados com formão, enxó e serrote, além da pua, necessária para perfurar os orifícios onde são inseridos os tarugos.

## Colocação de tijolos

Dentre as particularidades mais importantes da arquitetura que os imigrantes de diversas etnias implantaram em Santa Catarina, estão as alvenarias aparentes – de pedra, na região italiana, e de tijolos, na região ocupada por italianos, alemães e poloneses.

No contexto brasileiro, onde prevalecem as paredes brancas dos rebocos luso-brasileiros, tradição mediterrânea levada à Península Ibérica pelos romanos e reforçada pelos séculos de ocupação árabe – regra à qual se integra o litoral catarinense, marcado pelo povoamento açoriano –, é surpreendente como ao afastar-se poucos quilômetros da costa, na direção do interior do estado, surgem os telhados altos e inclinados, em que o sótão é sempre utilizado, e os tijolos aparentes, tradição mantida em muitos edifícios recém-edificados.

O uso dos tijolos aparentes, tanto no Brasil quanto na Europa, pode ser facilmente classificado em duas vertentes distintas: as alvenarias autoportantes e as alvenarias associadas ao enxaimel. Nos dois casos, a arquitetura resulta realçada pela expressividade e coloração dos tijolos, muitas vezes cozidos propositalmente com colorações e texturas diferenciadas, além de valorizados por fugas brancas, formadas por argamassa especial de rejunte, feito de cal e areia. O uso de paredes edificadas com tijolos aparentes é usual em todo o centro-norte da Europa, sendo comum na Inglaterra, na Holanda, em todo o norte da Alemanha, estendendo-se até as planícies da Ucrânia – para onde teria sido levado por migrações germânicas. A arquitetura enxaimel, de origem medieval, também teve seu uso propagado por boa parte do centro-norte da Alemanha, sendo muito numerosa na França (em especial na Bretanha, Normandia e Alsácia), na Inglaterra, Bélgica, Holanda e Alemanha. Em muitas dessas regiões, os tramos das construções foram vedados com tijolos aparentes. Vem da Europa, principalmente da Alemanha, a tradição de executar desenhos geométricos entre as peças da estrutura, tirando partido da colocação caprichosa e da coloração dos tijolos. Essa tradição está melhor exemplarmente representada em Santa Catarina, com uma profusão certamente inexistente em outra parte fora da Europa.

Outrora foram milhares, hoje ainda restam algumas dezenas dessas construções, guardando muitas das especificidades com que foram usados os tijolos aparentes em Santa Catarina. Os tijolos à vista associados ao

Inúmeras construções, das mais modestas às mais requintadas, apresentam trabalho esmerado na colocação de tijolos.

- 1 - Desenho geométrico das fachadas da Igreja do Ribeirão Liberdade [BND001], em Benedito Novo.
- 2 - Paineis da Casa Wendelin Siewert [POD012], Testo Alto, Pomerode.
- 3 - Paineis da Casa Otto Schwisky [JVE023], em Joinville.
- 4 - Paineis de tijolos na Casa Erwin Arndt [POD017] (conhecida como Casa da Crista), Testo Alto, Pomerode.
- 5 - Casa Ovídio Siewert [POD010], Testo Alto, Pomerode.
- 6 - Detalhe da bandeira na porta de entrada da Casa Wendelin Siewert [POD012], Pomerode.
- 7 - Paineis com desenhos de tijolos na Casa Oldenburg [JGS098], Jaraguá do Sul.
- 8 - Paineis na Casa Erwin Rux [JGS068], Jaraguá do Sul.
- 9 - Bandeira da porta de acesso da Escola e Casa do Professor Rural [RCD011], em Rio dos Cedros.
- 10 - Empena do Salão Hammermeister [TIO013], com desenhos geométricos formados a partir da colocação de tijolos de tonalidades diferentes.
- 11 - Empena da Casa Neitzke [BND007], Benedito Novo.
- 12 - Colocação esmerada dos tijolos na empina da Casa Duwe [IDL001], Indaial.
- 13 - Paineis de tijolos na varanda da Casa Julius Schroeder [IDL050], Indaial.
- 14 - Paineis da Casa Meyer [JGS110], em Jaraguá do Sul.



enxaimel são encontrados principalmente nas colônias São Pedro, Blumenau e Dona Francisca, inclusive nos seus desdobramentos no planalto. Chegaram a ser construídos em Lages. Os desenhos geométricos são mais comuns na Dona Francisca e em Jaraguá do Sul. A arquitetura enxaimel, por sua expressividade e singularidade, acabou por tornar-se um verdadeiro símbolo da imigração alemã para Santa Catarina e, por extensão, para o Brasil. São numerosos os exemplares de destaque, valendo citar a Igreja de Alto Liberdade [BND001], em Benedito Novo, a Casa Rux [JGS068] e Mayer [JGS110], em Jaraguá do Sul, as Casas Schwisky [JVE042] e Fleith [JVE023], em Joinville, a Casa Ovídio Siewert [POD010], em Pomerode, a Casa Reinecke [TIO004], em Timbó, e a Casa Ulrich [GBR006], em Guabiruba, entre várias outras.

Nas construções de alvenarias autoportantes, foi comum tirar partido plástico dos tijolos, trabalhados de modo a permanecerem aparentes nas fachadas externas – que são, portanto, tratadas sem rebocos. Essa solução diferencia os edifícios, destacados pelos cuidados dos acabamentos e vivacidade dos tijolos, com suas cores quentes e variadas. A alvenaria autoportante de tijolos aparentes se baseia na interação entre a função (de edificar as paredes) e a estética. O uso da técnica produziu numerosos exemplares de grande expressividade, em todas as colônias de imigrantes. No sul, algumas construções de grande esmero derivam da tradição italiana; no norte, da polonesa e ucraniana; e nas antigas Colônias São Pedro, Blumenau, Hansa, Brusque e Dona Francisca, das tradições construtivas dos alemães.

O trabalho de alvenaria destacado nesse tipo de arquitetura não pode prescindir de grande esmero por parte da mão-de-obra. Nesse caso, fiadas rigorosamente confeccionadas, realçadas por fugas perfeitas – sempre tratadas com argamassa especial de cal e areia – realçam extraordinariamente



a construção, em especial quando beirais, sobrevergas e pilastras também são trabalhados com tijolos aparentes. Muitos são os exemplares de destaque, eloqüentes desta tipologia que singulariza a arquitetura dos imigrantes em Santa Catarina. Importa citar a Casa Neumann [SBS004], em São Bento do Sul; o Salão Hammermeister [TIO013] e a Casa Zimath [TIO007], em Timbó; a Igreja de N.S. do Perpétuo Socorro [IDL113], em Indaial; o Seminário Sagrado Coração de Jesus [CRP001], em Corupá; e a Casa Schiocket [JGS036], em Jaraguá do Sul.

## Ornamentos em argamassa

Salvo algumas poucas construções ecléticas – relativamente raras no interior do estado –, a arquitetura do imigrante em Santa Catarina caracteriza-se muito mais pela austeridade do que pela abundância de ornamentos. No que concerne aos ornamentos, a arquitetura teuto-brasileira urbana apresenta um repertório muito mais comedido do que a luso-brasileira. Nota-se o tratamento dos beirais, a presença de pilastras e os trabalhos de realce dos quadros.

Nos centros maiores, como Blumenau, Joinville e Urussanga, os ornamentos associam-se a um ecletismo pouco mais elaborado, onde sobrevergas, pilastras, cimalkas e cunhais surgem com freqüência. A ausência das platibandas e o uso preferencial de cores neutras, em especial as tonalidades acinzentadas, proporcionam um resultado mais contido.

Os chalés também são raros, fato que contribui para a parcimônia dos ornatos. Devem ser registrados, em número e expressividade, exemplares ligados à tradição e arquitetura dos imigrantes, embora construídos nas cidades litorâneas.

Sabe-se que os imigrantes chegavam preferencialmente pelos portos de São Francisco do Sul, Itajaí, Florianópolis e Laguna (a exceção foram os poloneses e ucranianos do norte, que chegaram a Santa Catarina vindos pelo interior do Paraná). Desde os primeiros anos, alguns deles permaneceram no litoral. Com o desenvolvimento das colônias, surgiram empresas de navegação e estabelecimentos industriais e comerciais nas cidades portuárias. Quase sempre interagiam econômica e socialmente com os imigrantes, comercializando, importando e exportando seus produtos, ou produzindo bens baseados em matérias-primas produzidas pelos imigrantes – ou necessários à sua subsistência. Em Itajaí, registram-se as casas Konder, Malburg, Assemburg e Burgart; em Tijucas, os casarões Bayer e Galotti. Em São Francisco do Sul, onde está preservado importante conjunto eclético, registram-se exemplos eloqüentes do uso de ornamentos relacionados com a arquitetura teuto-brasileira, no Hotel Kontiki e em seu sobrado anexo, no Clube XXIV de Novembro, no sobrado Guessner e a casa Trupel. Em Florianópolis, o belo sobrado da rua Conselheiro Mafra. Todos esses exemplares apresentam ornamentação relacionada com a imigração italiana ou alemã, notando-se, com exceção do exemplo florianopolitano, uma linguagem comedida, onde ainda imperam os elementos clássicos, dinamizados por poucos ornamentos em argamassa aplicada.

1 - Seminário Sagrado Coração de Jesus [CRP001], em Corupá.

2 - A Casa Neumann [SBS004], em São Bento do Sul, é um exemplar representativo do requinte construtivo na colocação dos tijolos autoportantes aparentes.

3 - Empena da Casa Ewald [TIO048], em Timbó.

## Esquadrias

As esquadrias estão entre os elementos mais importantes da arquitetura dos imigrantes em Santa Catarina. As portas centralizam as composições das fachadas frontais – quase sempre marcadas por composições simétricas. Frequentemente são trabalhadas – muitas vezes em almofadas, outras com apicoados, sendo comum a divisão em painéis delimitados por travessas e marcos verticais. Elementos em losangos, retângulos e quadrados são comumente tratados em relevo. Formas circulares são raras. As portas frontais são na maioria das vezes dotadas de bandeiras envidraçadas, princi-

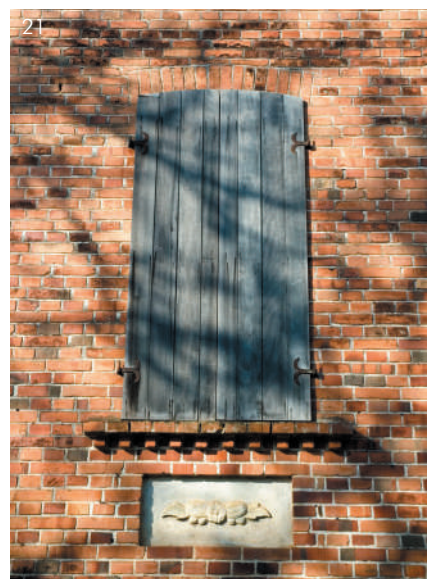
- 1 - Casa Eurides Silveira [JGS034].
- 2 - Casa Schiocket [JGS036].
- 3 - Casa em Nova Veneza.
- 4 - Casarão do Lageado [CPA019].
- 5 - Comércio Artur Zimmdars [BLU081].
- 6 - Casa no centro de Botuverá.
- 7 - Casa em Corupá.
- 8 - Casa Arno Modrow [BLU086].
- 9 - Casa Ovídio Siewert [POD010].
- 10 - Casa em Corupá, caminho para São Bento do Sul.
- 11 - Casa Freitas, no centro de Blumenau.
- 12 - Detalhe Casarão do Lageado , am Campo Alegre [CPA019].

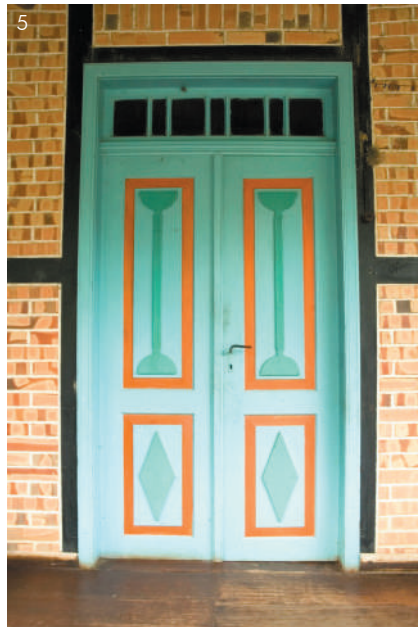


palmente quando se relacionam com imigrantes alemães. Não é incomum que sejam pintadas com cores vivas, entre italianos, teutos e poloneses. Ocupam considerável proporção nas fachadas da arquitetura de todas as etnias. Nas casas enxaimel, encontram-se muitas vezes realçadas pelas colunas gêmeas. Como especificidade deve-se notar a presença constante, entre os imigrantes italianos, das esquadrias formadas pelo encaixe lateral de tábuas dispostas transversalmente às linhas principais das fachadas.

Já as janelas apresentam-se quase sempre com vidraças de consideráveis proporções, tendendo ao quadrado. São sempre pintadas de uma só cor (nas casas italianas é comum que não haja pinturas). Na arquite-

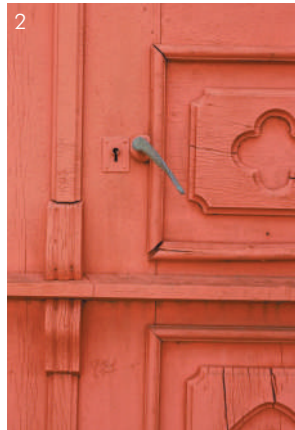
- 13 - Cia. Hering, Blumenau.  
 14 - Casa na Vila Itoupava, Blumenau.  
 15 - Casa Piske [CPA018].  
 16 - Casa Just, Pomerode.  
 17 - Casa Ivanir Cancelier [URS095]. Esquadrias tipicamente italianas.  
 18 - Casa em Pomerode.  
 19 - Casa Volkman, em Pomerode.  
 20 - Casa Ristow [IDL035]. Janelas com bandeiras móveis.  
 21 - Janela na empena da Casa Schiocket [JGS036]. Influência italiana em Jaraguá do Sul.











Páginas anteriores:

- 1 - Vila Valeska [CPA013].
- 2 - Casa Artur Krueger [JGS044].
- 3 - Casa Wendelin Siewert [POD010].
- 4 - Casa Ovídio Siewert [POD012].
- 5 - Casa Hornburg [POD076].
- 6 - Casa Volkman, Pomerode.
- 7 - Casa Bertoldi [RCD007].
- 8 - Casa Bruno Jandre [POD001].
- 9 - Casa da Família Colonial [BLU173].
- 10 - Casa Rux [JGS068].
- 11 - Casa Bel Trento [ROD007].
- 12 - Casa Fronza [ROD001].
- 13 - Casa Bartniak [ITP001].
- 14 - Casa Chuppel, Iracema, Itaiópolis.
- 15 - Sobrado João Félix Barzan [ORL002].
- 16 - Casa Ivanir Cancelier [URS095].
- 17 - Casa Silvino Cancelier [URS094].
- 18 - Sobrado Família Mazzucco [URS097].

As esquadrias em geral e as portas em particular são sempre ricas em detalhes, cores e texturas. De norte a sul de Santa Catarina, italianos, alemães, ucranianos, poloneses, entre outros, deixaram também nas esquadrias as marcas do seu esmero construtivo.

- 1 - Cores e texturas trabalhadas nas esquadrias de um comércio singelo de madeira, na estrada que vai a Moema, em Itaiópolis.
- 2 - Detalhe da porta de entrada da Casa Bartniak [ITP001], em Alto Paraguaçu.
- 3 e 4 - Cores vivas nas almofadas das portas da Igreja São Gervásio e São Protásio [URS093], em Urussanga.
- 5 - Desenhos geométricos e composições inusitadas na porta principal da Casa Gilow [JGS060], em Jaraguá do Sul.
- 6 - Porta principal da Casa Reinecke [TIO004], Timbó.
- 7 - Almofadas da porta principal da Igreja de Santo Estanislau [ITP010], Alto Paraguaçu.
- 8 - Detalhe da bandeira da porta da Casa Waldemar Elísio [IDL235].
- 9 - Moldura trabalhada na Casa Lemke [POD070], em Pomerode.
- 10 - Almofadas trabalhadas da Casa Waldemiro Struck [SBS010], em São Bento do Sul.
- 11 - Também na Casa Waldemiro Struck [SBS010], bandeira com motivos florais, trabalhada com requinte.

tura teuto-brasileira quase nunca existe nem a escura nem qualquer tipo de veneziana ou proteção suplementar às vidraças. As janelas são, via de regra, de abrir para fora, sendo as bandeiras dotadas de aberturas móveis. Funcionam com dispositivos pivotantes ou, mais comumente, de abrir, com dobradiças fixadas em sua parte superior. Portas internas ou presentes nas demais fachadas são sempre simplificadas, assim como as janelas dos fundos – que raramente dispõem de vidraças.

## E s c a d a s

As escadas da arquitetura da região de imigrantes são usualmente simples e funcionais. Em função do aproveitamento do sótão (possibilitado pela grande inclinação do telhado) e da necessidade de economia do espaço, as escadas internas apresentam sempre grande inclinação e são formadas, essencialmente, pelos espelhos e degraus, secundados por corrimão singelo – freqüentemente inexistente. As escadas são sempre de madeira. Quando relacionadas com imigrantes alemães, usualmente se apresentam com inclinação acentuada, ocupando estreito corredor e interligando o compartimento dos fundos com o sótão. Nas casas italianas, as soluções são mais variáveis, apresentando-se muitas vezes em “L”, instaladas comumente nas salas frontais, ou em um dos quartos (quase sempre no menor) ou ainda na cozinha. Entre os imigrantes poloneses, onde o corredor central é mais freqüente, as escadas muitas vezes se situam nesse espaço de comunicação/transição, embora sejam numerosos os exemplos de escadas que partem dos compartimentos dos fundos – como as alemãs.

De um modo geral, pode-se admitir que a posição da escada nas plantas das casas varia segundo quatro soluções principais:

- escada ocupando estreito corredor, partindo de um dos compartimentos dos fundos da casa até o sótão;
- escada no corredor (quando existe corredor) que interliga os cômodos frontais (sala e quarto do casal) à cozinha, aos fundos;
- escada na sala, próxima à porta de entrada;
- escada posicionada em um dos quartos, geralmente o menor, mais raramente no do casal.

12 - Detalhe da escada em espiral que dá acesso ao coro, na Igreja de Santo Estanislau [ITP010], Alto Paraguaçu, Itaiópolis. Os degraus são encaixados uns nos outros exatamente no raio da escada.

13 e 14 - Escada que dá acesso ao sótão da Casa Helmut Lümke [POD014], em Pomerode. Simplicidade e grande inclinação caracterizam as escadas das casas teuto-brasileiras.



Em geral não apresentam elementos ornamentais, nem participam da área social da casa. Somente a partir do final do século XIX as escadas passaram a ocupar lugar de destaque, sempre em casas de alvenaria autoportante, cujas plantas seguiam modelos europeus urbanos. Nesses casos, as escadas freqüentemente se situam nos compartimentos fronteiros, na sala ou na área de receber, apresentam degraus de convite e corrimãos trabalhados.

As escadas externas, sempre em alvenaria de tijolos ou pedra, são igualmente singelas e apenas em alguns poucos exemplares – quase sempre construídos em alvenaria autoportante de tijolos à vista – assumem papel de destaque na composição da fachada. Nesses casos, desenvolvem-se em meia lua e proporcionam acesso à varanda ou à sala frontal do edifício. No salão Hammermeister [TIO013] e nas Casas Zimath [TIO007] e Schiocket [JGS036] ocorrem exemplares desse tipo. Na área italiana, onde é comum tirar-se partido dos materiais construtivos, registram-se alguns exemplares de escadas frontais construídas em pedra maciça. A Casa Ivanir Cancelier [URS095], em Urussanga, é exemplo dessa técnica.

## Guarda - corpos

Os guarda-corpos são elementos funcionais que muitas vezes aliam aspectos estéticos de grande interesse. Podem ser trabalhados de três maneiras principais: em madeira, em alvenaria aparente de tijolos e em balaústres de cimento. São encontrados, também, modelos mais recentes, formados por elementos cerâmicos vazados.

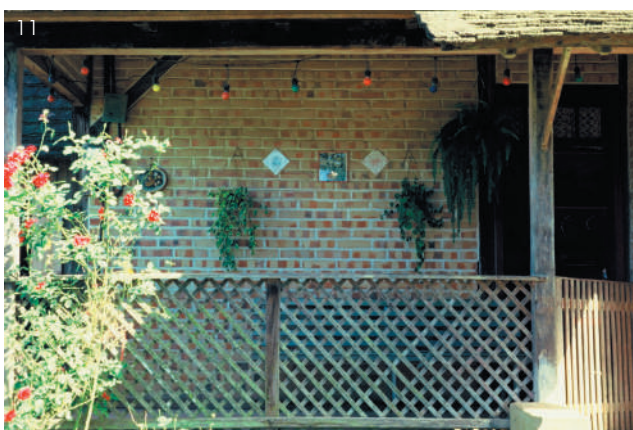
Os guarda-corpos de madeira são os mais numerosos e apresentam desenhos variados, proporcionando, em muitos casos, um efeito plástico singular na composição da fachada. É nos acabamentos que os imigrantes, muitas vezes, imprimem a marca de sua sensibilidade, criando detalhes que acabam por configurar verdadeiras obras de arte popular aplicada. Podem apresentar-se em ripados, como nas casas Hary Hein [BLU051], em Blumenau, e Fleith [JVE023] e Schwisky [JVE042], ambas em Joinville. Nesses casos, é comum que os portões sejam trabalhados com curvas suaves – como na Casa Schwisky [JVE042] – ou com arremates nas ripas, como na Casa Radoll [TIO005], em Timbó. Os exemplos são numerosos e pontuam toda a região de imigração, perpassando o conjunto das etnias que ocuparam o espaço geográfico de Santa Catarina.

São relativamente comuns – em especial na região norte, de colonização polonesa – os guarda-corpos trabalhados com tábuas de madeira, formando diferentes desenhos e composições geométricas que variam do simples ao complexo. Existem alguns casos excepcionais, como os encontrados na Casa Ristow [IDL035], em Indaial, e na casa que existiu na Vila Nova, em Joinville, onde as tábuas estavam dispostas na posição horizontal. Os para-pestos torneados em madeira são muito raros e praticamente se resumem ao encontrado na Casa Schroeder [IDL050], também em Indaial.

Outra variação dos guarda-corpos de madeira é uma espécie de treliçado singelo, como ocorre na Casa Duwe [IDL001], em Indaial, ou na Hary Franz [BLU052], na Vila Itoupava, em Blumenau.

- 1 - Guarda-corpo da Casa Siebert [POD066], conhecida como Pousada da Estufa, em Pomerode.
- 2 - Casa na Itoupava Rega, Blumenau.
- 3 - Detalhe do guarda-corpo de casa na Itoupava Rega, em Blumenau.
- 4 - Guarda-corpo da Casa Arno Modrow [BLU086], em Blumenau.
- 5 - Guarda-corpo da Casa Arthur Krueger [JGS044], em Jaraguá do Sul.
- 6 - Detalhe do guarda-corpo vazado, construído com tijolos dispostos a 45°, na Casa Zimath [TIO007], em Timbó.
- 7 - Detalhe do guarda-corpo com elementos vazados da Casa Raduenz [POD014a], em Pomerode.
- 8 - Guarda-corpo trabalhado da Casa Reinecke [TIO004], em Timbó.
- 9 - Guarda-corpo da Casa Radoll [TIO005], Timbó.
- 10 - Guarda-corpo da Casa Just, em Pomerode.
- 11 - Varanda da Casa Neitzke [BND007], em Benedito Novo.
- 12 - Varanda Casa Bruno Flohr [BLU093], Blumenau.
- 13 - Detalhe do guarda-corpo da Casa Erich Hardt [POD054], em Pomerode, também conhecida como Casa da Varanda.





Os guarda-corpos confeccionados em alvenaria autoportante de tijolos aparentes são igualmente numerosos – e preciosos. Podem ser encontrados em todas as etnias, mas são mais comuns entre os alemães. Diversos desses guarda-corpos, tanto pelo preciosismo com que são confeccionados quanto pelo efeito estético que proporcionam, configuram-se igualmente como obras de arte popular aplicada. Os tijolos podem estar dispostos de maneira variada, intercalando espaços vazios e formando desenhos diversificados, valendo-se de coloração diferenciada, fixados na horizontal, na vertical, ou inclinados etc. Confeccionados assim, formam painéis, cuja composição destaca-se pelo dinamismo e expressividade. Na Casa Reincke [TIO004], em Timbó, várias dessas técnicas se conjugam para compor um dos mais interessantes guarda-corpos de toda a região de imigrantes do Brasil. Em casas como a Klug [TIO001] e a Zimath [TIO007], também em Timbó, os parapeitos são a base de pilastras circulares de alvenaria igualmente aparente, elevando até o frechal da varanda, a textura dos tijolos à vista.

Também quando a alvenaria é rebocada, registram-se exemplares de guarda-corpos de interesse. Como exemplo, pode invocar-se a Casa Schiocket [JGS036], em Jaraguá do Sul, em que o guarda-corpo suporta arcadas, formando belo conjunto valorizado por relevos em argamassa.

São comuns também os guarda-corpos de balaústres de argamassa, inseridos nas casas construídas a partir da década de 1920, caracterizando, juntamente com outras aplicações em argamassa, um momento eclético da arquitetura das regiões de imigrantes.

Guarda-corpos ou gradis metálicos são raros na área de imigrantes, registrando-se raros exemplos em sacadas superiores.

## L a m b r e q u i n s

Os lambrequins são elementos decorativos presentes nas edificações de influência italianas, ucranianas e, em especial, nas polonesas. São

- 1 - Detalhe do guarda-corpo de madeira da Casa Ristow [IDL035], em Indaial. Exemplar único,
- 2 - Guarda-corpo de madeira da escada que dá acesso ao coro na Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro [IDL113], em Indaial.
- 3 - Guarda-corpo de madeira da Maternidade (Sociedade Beneficência Misericórdia) [BLU005c], da Vila Itoupava, em Blumenau.
- 4 - Guarda-corpo de residência rural em Corupá.
- 5 - Detalhe do guarda-corpo da Casa do Colono, no Museu ao Ar Livre, em Orleans.
- 6 - Detalhe do guarda-corpo da casa onde funciona o Restaurante da Zenita [ITP002], em Itaiópolis.
- 7 - Guarda-corpo de madeira da Casa Arthur Krueger [JGS044], Jaraguá do Sul.
- 8 - Guarda-corpo na varanda da Casa Lúcia Buba [ITP003], Alto Paraguaçu, Itaiópolis.
- 9 - Guarda-corpo de madeira de moradia rural em São Martinho.
- 10 - Detalhe da escada da Casa Polaski [ITP009], em Alto Paraguaçu, Itaiópolis.
- 11 - Guarda-corpo com treliçado de madeira em casa rural no município de Guabiruba.
- 12 - Na Casa Luiza Schroeder [IDL050], em Indaial, o guarda-corpo é composto por elementos torneados.
- 13 - Os elementos de madeira na varanda do comércio dos Irmãos Stoltenberg, em Vidal Ramos, destacam-se na composição da fachada, especialmente os lambrequins.



menos comuns na arquitetura teuto-brasileira. Acredita-se que os lambrequins sejam produto do ecletismo e da abundância da madeira, mais do que expressão de qualquer uma das etnias presentes em Santa Catarina. Constituem-se em pequenas peças unitárias, pregadas individualmente, que se somam para formar as linhas decorativas características desse elemento ornamental. Estão presentes nas casas italianas de Antônio Prado, no Rio Grande do Sul; nas casas polonesas da região de Curitiba, no Paraná. Em Santa Catarina, estão muito presentes no norte do estado, associados ao ciclo madeireiro que se estabeleceu na região e aos imigrantes poloneses e ucranianos.

São sempre confeccionados em madeira e possuem uma ampla variação de moldes. Podem estar aplicados tanto nas varandas como nas empenas de casas, igrejas, oratórios e, menos freqüentemente, em casas comerciais e escolas.

